

Jornal laboratório do curso de Jornalismo
da Universidade Católica de Pernambuco | Unicap

O BERRO



Foto: Antônio Thiago

Intercâmbio

NESTA EDIÇÃO

Viagens são adaptadas
a clientes especiais

Página 4

Brasileiras ajudam
famílias americanas

Página 5

Adaptação às vezes é
o grande desafio

Página 5

Trabalho voluntário
também é opção

Página 6

Carta ao leitor

Estudo e trabalho no exterior

Uma das mais positivas experiências que a época de juventude pode proporcionar a uma pessoa é a possibilidade de participar de uma das inúmeras modalidades de intercâmbio. Essas viagens de estudo ou trabalho (ou as duas coisas juntas), geralmente feitas em países estrangeiros, vem crescendo em popularidade no Brasil das últimas décadas. O intercâmbio representa, muitas vezes, uma forma mais inteligente de conhecer outras culturas, fugindo um pouco da pressa e do consumismo envolvidos nas viagens turísticas tradicionais.

Esta edição do jornal la-

boratório O Berro é dedicada justamente a essas diversas formas de conhecer outras culturas e trata do aumento no número de pessoas que realizam viagens em busca de aprendizado.

Seja com o intuito de estudar ou trabalhar, mas sempre focada na troca de conhecimentos, a viagem de intercâmbio vem, aos poucos, tornando-se acessível a mais pessoas no Brasil. Entre as muitas novas maneiras de concretizar um intercâmbio, existem programas que atendem às necessidades dos clientes e se adaptam ao seu perfil financeiro.

Como uma maneira de prevenir aqueles que planejam concretizar a viagem, durante a abordagem do tema as reportagens não deixaram de expor as dificuldades que alguns intercambistas enfrentaram ao entrar em contato com hábitos distintos daqueles em que sempre viveram. O assunto pode ser conferido na reportagem que trata da volta para casa.

Por outro lado, os avanços na variedade de opções oferecidas por agências e organizações especializadas em intercâmbio, nos últimos anos, são aspectos positivos tratados nesta edição. Eles podem ser encontrados na reportagem sobre o traba-

lho voluntário realizado em outros países, e no texto sobre brasileiras que se inserem nas famílias norte-americanas para uma temporada de trabalho cuidando de crianças e aprendendo melhor a língua inglesa.

Aspecto curioso neste tema tem sido a vinda de estrangeiros para o Brasil, realidade que vem sendo solidificada nos últimos anos. Para ilustrar essa emigração, o jornal foi buscar o exemplo de angolanos que vieram a Pernambuco para estudar em universidades e outros visitantes que chegam até aqui atraídos pela vontade de aprender a língua portuguesa.

O resultado desse contato dos brasileiros com outras culturas é, acima de tudo, o aumento no número de pessoas que aprendem a respeitar as diferenças. Dessa maneira, ao regressar para seu país de origem, no caso o Brasil, o intercambista geralmente traz em sua bagagem uma nova forma de encarar a realidade.

Nesta edição, o leitor também poderá encontrar histórias de relacionamentos que sobreviveram a distância, conhecer diversas formas de pagamento e casos de pessoas que não se adaptaram ao país escolhido e voltaram para casa antes do tempo previsto.

Autora dá dicas a jovens interessados

ADRIANA RIBEIRO

“Romper fronteiras tem várias vantagens. Abrir nossos horizontes para novas possibilidades de ver a vida e o mundo é, certamente, uma experiência que não tem preço”. Com essas palavras, Marina Motta, aos 31 anos, descreve sua paixão por intercâmbios. Afirmado ser fluente em cinco idiomas, ela já fez onze intercâmbios e escreveu um livro relacionado ao assunto. Hoje, atua na área de relações internacionais como gerente de uma agência de intercâmbios no Recife.

O começo de sua jornada pelo mundo foi aos 8 anos, em sua primeira viagem ao exterior para a França. Apaixonada pela Europa, ela de-

Foto: Carol Mayer



ESPECIALISTA Marina Motta é autora de um livro sobre o tema

ciduiu aos catorze anos fazer seu primeiro intercâmbio na Inglaterra, cursando uma escola equivalente ao ensino médio no Brasil.

Hoje carrega em sua bagagem experiência em 34 países, resultado de suas viagens aos cinco continentes, seja para visita ou através de cursos e trabalhos. “Sou

alguém que ama o que faz e acredito no intercâmbio como modificador de vidas”, diz Marina.

GUIA PRÁTICO

Em uma madrugada, no ano de 2009, pensou em produzir um diário no qual contava toda a sua vivência internacional. Ela acreditava

na criação de uma espécie de dicionário com todos os itens necessários para as dúvidas mais frequentes de pais e intercambistas, de forma simples e prática. A partir de então, começou a escrever o que viria a ser o seu livro.

O manual “Intercâmbio de A a Z” é organizado por ordem alfabética em temas como, por exemplo, ansiedade, bagagem, casa de família, e assim por diante, até zelos e cuidados finais. No capítulo correspondente, são desenvolvidas as respostas de perguntas elaboradas por pais e futuros intercambistas.

PROBLEMAS COMUNS

Mesmo acreditando que o intercâmbio pode ser a

porta de entrada para um futuro brilhante, Marina Motta alerta para situações que podem fazer da sua viagem uma verdadeira “furada”. Quando a pessoa sai da chamada “zona de conforto”, alguns imprevistos podem acontecer. Problemas com o visto, a parte burocrática, a não adaptação ao ambiente e as pessoas são os mais comuns. “Fazer o intercâmbio é uma oportunidade de crescimento e evolução e cada um sabe o seu momento”, afirma Marina.

Para diminuir a distância entre a dúvida e os futuros intercambistas, a especialista criou o blog intercambioaz.com.br. No endereço a autora mantém contato direto com interessados no assunto.

EXPEDIENTE

O BERRO

O BERRO é uma publicação da Disciplina Jornal-Laboratório do Curso de Jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco.

Rua do Príncipe, 526 - Boa Vista - Recife-PE 50.050-900
CNPJ 10.847.721/0001-95 Fone: (081) 2119.4000
Fax: 81 2119.4222 | site: www.unicap.br/oberro

Coordenador do Curso de Jornalismo
Juliano Domingues

Professor Orientador
Marcelo Abreu

Subeditores
Alline Lima
Jéssica Maciel

Repórteres
Adriana Ribeiro

Alexandre Borges
Alline Lima
Bianca Rocha
Camila Pires
Carlos Prado
Jéssica Ferreira
Jéssica Maciel
Joyce Warren
Pollyanne Brito
Priscila D’Arc
Renatta Maciel
Thiago Pimentel
Victor Ferreira

William Tavares

Revisão
Fernando Castim

Diagramação
Flávio Santos

Impressão
FASA

Baixe a versão digital de O Berro.



1. Abra o leitor QR Code em seu celular; 2. Foque o código com a câmera; 3. Clique em Ler Código para acessar os conteúdos. Caso não tenha o leitor no seu celular, baixe em: <http://getreader.com/>

Crédito facilita temporada no exterior

BIANCA ROCHA

As vantagens e facilidades oferecidas pelo mercado se expandem também para a área de viagens de estudo. Esse setor cresceu muito nos últimos anos graças ao aumento da renda e da estabilidade financeira. E esse equilíbrio está trazendo novos objetivos profissionais para as famílias brasileiras. Hoje fazer um curso de idioma, principalmente de inglês, no Brasil, já não é o bastante para muitas famílias. Os estudantes querem aprimorar o conhecimento na língua agregando, também, um pouco da cultura. Por isso a procura por esses cursos no exterior tem crescido bastante.

Para a chamada nova classe C, as facilidades de pagamento são o grande atrativo. O analista de sistemas Tércio de Oliveira, 34, vê a chance



Foto: Bianca Rocha

PROJETO Oliveira já planeja intercâmbio quando a filha crescer

de pagar um intercâmbio para sua filha se tornar mais real. “Antes eu enxergava o intercâmbio como algo caro e desnecessário, mas agora eu penso no futuro. Minha filha tem 7 anos e eu já estudo a possibilidade de ela fazer o ensino médio nos Estados Unidos,

pois eu posso começar o pagamento do curso muito antes da viagem”. A visão de Oliveira é a de muitos brasileiros que passaram a ver o intercâmbio como uma possibilidade de destaque profissional. O microempresário Sandro Ferreira, 43, desde cedo in-

centivou sua filha Gabriela, 8, a estudar inglês. “Sempre mostrei a ela a importância de ter conhecimento em diversos idiomas e, por causa desse incentivo, hoje, mesmo tão nova, ela já planeja viajar aos Estados Unidos para estudar, e já especificou até a cidade, Nova York”, disse ele.

Os valores dos cursos de idiomas variam de acordo com o país escolhido pelo estudante. Segundo a gerência da Central de Intercâmbio (CI), os destinos mais procurados para cursos são os países de língua inglesa e espanhola, como Estados Unidos, Inglaterra, Irlanda Canadá e Espanha. Para um curso de quatro semanas em Nova York, com carga horária de 15 horas semanais, por exemplo, o preço é de aproximadamente US\$ 1.300 dólares, mais uma média de US\$ 1.260 dólares pela hos-

pedagem. Somando as taxas cobradas pela agência e pela instituição de ensino, o valor total fica em torno de R\$ 6.000 reais.

As agências trazem um leque de possibilidades e vantagens para pagar os cursos. A forma de pagamento mais comum consiste em uma entrada de, geralmente, 20% do valor total do pacote e o restante do valor dividido no cartão de crédito, ou no boleto bancário, sendo esse, com o vencimento da última prestação para 30 dias antes da viagem.

Algumas agências, como a Experimento, oferecem a opção do financiamento bancário, com entrada de 5% e o saldo em até 24 parcelas fixas com o acréscimo de juros.

Mas é preciso atenção aos detalhes dos contratos para evitar surpresas desnecessárias.

Sonho de viagem é interrompido

POLLYANNE BRITO

Facilidades na hora de pagar nem sempre garantem um processo tranquilo para quem deseja fazer intercâmbio no exterior. Muitas vezes, o sonho de realizar uma viagem dessas é atrapalhado por questões burocráticas que inviabilizam a viagem e pela simples falta de recursos financeiros.

O planejamento para viajar acontece há vários anos para o estudante de Direito da Universidade Católica de Pernambuco, Nilo Rodrigues, de 20 anos. Para ele, sempre há uma dificuldade que interrompe o desejo de viajar. “Mesmo que eu fosse fazer um empréstimo, não gastaria menos que R\$ 10 mil. Meus pais, funcionários públicos aposentados, não têm condições de arcar com os altos custos, pois já pagam à universidade em que estudo, e é impossível lidar com tudo isso. É uma re-

alidade totalmente distante do meu alcance”, disse Rodrigues.

Uma das dificuldades encontradas pelo estudante, além da falta de dinheiro, foi tirar o visto. “Fui diversas vezes ao consulado americano e o que eu encontrei logo de cara foi muita gente em pé. O custo chega a R\$ 400. Mas, o pior é que meu visto não foi aprovado e aí dificultou ainda mais minha situação”, conta o estudante.

Além dos pré-requisitos financeiros para viajar, a estudante de Administração da Faculdade Integrada de Pernambuco, Renata Cavalcanti, de 21 anos, não consegue ver uma maneira de se manter no exterior. Não só a passagem e o custo da escola, como também a hospedagem e alimentação. “Morar fora requer muito cuidado, programação e, principalmente, dinheiro e tempo. Apesar de eu querer muito realizar esse sonho, eu iria me prejudicar total-

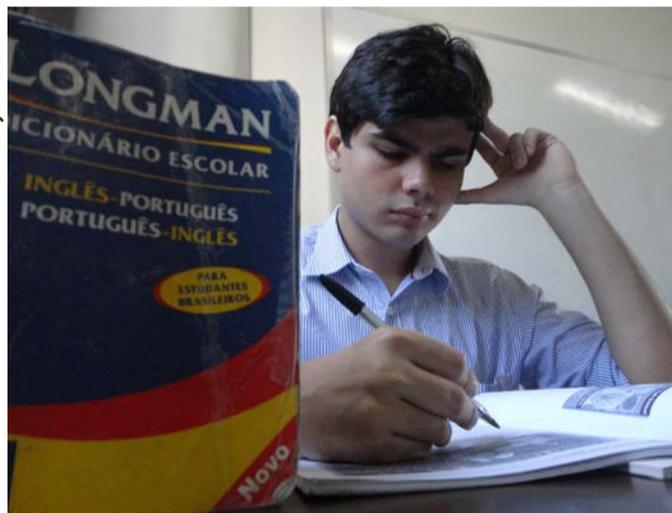


Foto: Pollyanne Brito

TRISTEZA Não é desta vez que Nilo Rodrigues vai viajar

mente por causa da minha graduação. São duas coisas que eu tenho que pesar”, afirmou Renata.

FEIRA

A estudante de Jornalismo da Universidade Maurício de Nassau, Maria Luiza Moura, de 23 anos, terminou o curso de inglês no Senac há dois anos e chegou a se planejar, indo até uma feira de intercâmbios. “Ano passado, fui à feira exatamente para tirar dúvidas. Mudei o local para o

qual eu queria ir, de Londres, na Inglaterra, para a Irlanda. Mas não fez muita diferença, porque, no fim das contas, não deu certo. Eu apenas alimentei algo que não podia realizar. Minhas expectativas foram por água abaixo”, afirmou Maria Luiza.

As histórias são parecidas e são parte da realidade de muitos jovens. Apesar de lamentarem, alguns estudantes nunca perdem as esperanças de que um dia vão realizar o desejo

tão sonhado. O mais importante é planejar e ver onde estão as principais dificuldades. “Eu pensava que não ia conseguir nunca, mas depois de muito planejamento, estou quase lá. É importante não desistir do que se quer e persistir sempre”, conta, confiante, a estudante de Serviço Social, Diana Andrade.

PESQUISAR SEMPRE

O ideal, para quem quer viajar para o exterior é, antes de tudo, pesquisar. Várias agências de viagens estão disponíveis com serviços divididos em várias parcelas. Os empréstimos podem ser complicados, mas há quem prefira fazer dessa uma alternativa válida para transformar o sonho em realidade. Mesmo com as dificuldades, o importante é não desanimar, persistir sempre e não deixar que o esforço para aprender outro idioma seja desperdiçado.

Uma viagem adaptada

ALLINE LIMA

Escolas, hospedagens e sistema de transporte acessíveis são elementos que proporcionam o intercâmbio de pessoas com necessidades especiais. As agências do Recife afirmam que estão preparadas para receber o cliente diferenciado, mas ainda não tiveram a experiência prática. Por outro lado, o Rotary Clube do Nordeste já levou adolescentes para conhecer as culturas de outros países.

O cadeirante Ricardo Shimosakai é diretor da Turismo Adaptado, agência de intercâmbio que atende portadores de deficiência. Em suas visitas a Portugal, Espanha, França e Inglaterra, Shimosakai conheceu empresas que oferecem a viagem acessível e, com a experiência, criou seu próprio estabelecimento. “A procura é grande, recebemos pedidos de todas as partes do Brasil e também do exterior”, disse o diretor.

Outra iniciativa é a prestação de serviços feita pelo Rotary Clube, que desde 1931 promove o contato com novas culturas e o respeito a suas diferenças. Leandro Araújo, presidente da comissão internacional de intercâmbio do Rotary Nordeste, explicou que os jovens deficientes “passam por um treinamento e são orientados sobre o que é ou não permitido durante a viagem”. Eles também são monitorados por relatórios e pelo contato entre seu responsável no país e a equipe do brasileiro.

Entre os intercambistas de Pernambuco estão Íris de Mel Trindade, deficien-



RICARDO SHIMOSAKAI fundou a agência Turismo Adaptado

te visual, e Gabriel Carneiro, que possui uma lesão cerebral. Ambos passaram um ano cursando o Ensino Médio no Canadá e nos EUA, respectivamente. Íris foi recebida por uma família cujos membros também possuem cegueira.

A respeito das agências particulares do Recife, algumas possuem convênios com escolas aptas para receber pessoas com necessidades especiais. Foi o que afirmou Marina Motta, gerente de intercâmbio do Escritório de Viagens para

Estudantes (STB), “na cidade temos contato com uma escola em Oxford, na Inglaterra, que atende a deficientes visuais”.

Outros estabelecimentos como o Câmbio Brasileiro (Bex) e a Central de Intercâmbio (CI) também trabalham com portadores de necessidades especiais. “Durante o procedimento, o contato seria feito com a instituição e um diálogo seria aberto com a família que abrigaria o jovem”, ressaltou Ângela Guedes, diretora da CI Recife.

Psicologia no auxílio dos viajantes

WILLIAM TAVARES

Dizem que o jovem tem uma pressa típica de quem está começando a descobrir o mundo. A ânsia pelo novo mexe com a cabeça daqueles que sonham em viver todas as experiências ao mesmo tempo. Mas para isso é necessário estar preparado.

Longe de casa e do cotidiano, os cuidados para que o intercâmbio não se transforme em pesadelo depende da maturidade e capacidade de adaptação. A IE Intercâmbio, empresa que chega a embarcar cinco mil pessoas por ano, é uma das agências que procuram ajudar os jovens nos destinos das viagens.

Daniela Loureiro, diretora da franquia do Recife, revela como a empresa busca auxiliar os jovens nas escolhas. “Antes, é preciso definir o perfil do intercambista. Questões como tolerância ao frio, idade, nível do idioma estrangeiro e até mesmo características pessoais são avaliadas”, ressalta a diretora.

Para a psicóloga social Adriana Barros, que trabalha há mais de 15 anos com adolescentes, os primeiros indícios que um jovem demonstra com relação a estar preparado para esse desafio começam bem antes da viagem. “Quando ele apresenta sinais de responsabilidade dentro do seu habitat, mostra que pode adaptar-se em um outro convívio social. Uma pessoa que não consegue cuidar dos seus estudos, do seu trabalho, da sua vida em si, dificilmente mudará sua atitude em outro lugar”, disse a psicóloga.

Com a maturidade suficiente para viver longe de casa, viria o segundo passo, o do apoio familiar. “Os pais devem acompanhar esse processo atentamente, mas sem pressão”, ressalta Adriana Barros, que já foi procurada por alguns estudantes que estavam prestes a fazer o intercâmbio. “O grande temor deles era não conseguir corresponder as expectativas de familiares e amigos. Eu aconselhava que eles deveriam tratar a viagem como forma de aprendizado e transformação, com erros e acertos do processo da vida”, conta a profissional.

Suporte familiar e planejamento pré-viagem são essenciais no intercâmbio, mas outro fator também é relevante. “Independente de influências externas, a mudança tem que partir do próprio intercambista. Quando há confiança em si mesmo, nossa mente fica livre para aproveitar a experiência sem traumas”, afirma Adriana Barros.

Pais impedem filhos de viajar

JOYCE WARREN

Mesmo com tanta facilidade, o exercício de viajar e morar sozinho em outro país ainda assusta uma pequena parcela de pais de estudantes que desejam fazer intercâmbio.

A condição financeira, em alguns casos, atrapalha no planejamento da viagem. No entanto, para outras famílias, o dinheiro não é o problema na hora de escolher um destino. A saudade e a insegurança atrapalham bem mais na hora da decisão. Nericea Alexandre de Menezes, 63, é uma prova de que nem sempre o dinheiro torna-se um obstáculo. “Sou aposentada e tenho uma renda financeira boa, que daria sim, para meu filho viajar. Mas não quero, tenho medo. Não sei quais serão suas dificuldades, com quem ele irá se relacionar, se irá trabalhar.

Com certeza não é seguro. Já vi casos de pessoas serem mal tratadas nas casas de família. Então não quero ter que ver meu filho sofrer à toa, só por causa de estudos. E aqui ele nem precisa trabalhar”. Outra preocupação dos pais consiste no aprendizado do idioma estrangeiro. “Lidar com pessoas de outro país, onde você não nasceu e está indo pela primeira vez, é complicado. Mesmo indo para aprender outro idioma, não é seguro. Podem fazer meu filho de bobo, enganá-lo, por não saber a língua do país”, justifica Maria Helena Muller, 52, mãe de Edson Muller, que cursa o terceiro ano do ensino médio e sonha em viajar para França.

Aparentemente a insegurança dos pais gira em torno da desconfiança. Não ter a certeza de que seus filhos estarão bem, longe de casa,

é uma constante nos debates entre Lourdes Trajano e Luís Ricardo Trajano, ambos os pais de Luan de 18 anos. “Ele tem o sonho de viajar, mas, mesmo fazendo inglês desde os doze anos de idade, não confio. Mesmo com condições financeiras de mandá-lo para o Canadá, aonde ele sonha ir, é algo ainda muito novo para mim. Sou mãe e muito apegada ao meu filho. Não consigo nem imagina-lo saindo de casa, pegando um avião e passando seis meses longe de mim”, afirma Lourdes Trajano, que acredita ser uma mãe super protetora. “Amo meu filho, em tudo que ele faz estou presente e lá eu não vou poder estar, então isso já é um indicador de que não o deixarei ir. Isso é motivo de briga entre mim, ele e meu marido. Mas já disse: só quando ele estiver de maior e com seu próprio dinheiro”.

Bancando a empregada doméstica

PRISCILA D'ARC

Conhecer a cultura de outro país é um dos objetivos de quem vai fazer intercâmbio. Aliado a isso, o estudante pode ter a experiência de fazer parte, por o tempo mínimo de um ano, de uma típica família norte-americana. É isso que garante um dos tipos de programa de intercâmbio cultural direcionado apenas para o público feminino de 18 aos 26 anos que deseja conhecer os Estados Unidos, trabalhar e estudar inglês. Entre os benefícios está o preço, enquanto em outros programas o intercambista gastará, em média, de R\$ 5 mil a R\$ 12 mil reais, neste o custo sai por R\$ 2 mil.

Para fazer parte do programa é essencial que as interessadas estejam dentro de alguns requisitos, como ter um nível intermediário de conhecimento de inglês, ser solteiro e sem filhos, mas com experiência comprovada de, no mínimo, 100 horas com crianças que não sejam de sua família. A carga horária também vale para crianças com menos de dois anos e, nesse caso, é necessá-



EXPERIÊNCIA Ana Cláudia exhibe fotos do tempo que foi babá nos EUA

rio comprovação de 200 horas, podendo ser um bebê da família. Entre a documentação a exigência é ter a carteira de motorista.

“Com tudo isso, a candidata deve dirigir-se a uma agência autorizada pelo governo americano que realize esse tipo de viagem. O programa garante a ela 45 horas semanais de traba-

lho, que devem ser combinadas de acordo com a necessidade da nova família, assim como devem acertar as folgas, que inicialmente são de um final de semana por mês”, conta Malu Andrade, que já participou do programa. Hoje a jovem trabalha ajudando as meninas interessadas a escolher as melhores agências de viagem. “Vale a

pena ter essa experiência, ela é única”, ressaltou Malu.

As etapas de seleção consistem em 18 níveis de entrevistas mais a escolha da casa onde vai morar, tendo que ser compatível com a necessidade de ambos os interessados. Em seguida, é a hora de arrumar as malas e conhecer sua nova rotina. Como parte da família,

poderá participar das atividades e divisão de tarefas imposta pelos novos pais. Muitos dos estudantes que passam por essa nova experiência dizem ser um bom aprendizado, como afirma a estudante de História da Unicap, Ana Cláudia, 22 anos, que viajou para os Estados Unidos, com programação para um ano, mas acabou ficando por dois anos. “É o programa que oferece a possibilidade de passar mais tempo fora por um custo mais baixo, tendo a chance de estender, como foi o meu caso. Além de ser bem diferente dos outros programas, pois insere você completamente na cultura e no dia a dia dos norte-americanos”, disse.

A família que escolheu Ana tinha um brasileiro como pai e ele fez questão de contratar uma conterrânea, para que o filho adotivo Ângelo, na época tinha três anos, pudesse crescer praticando o português. “Morei com uma família maravilhosa e sempre foram muito atenciosos comigo. Hoje falo com eles pelo menos uma vez por mês”, disse Ana, que sonha em rever o pequeno Ângelo.

Problemas provocam volta antecipada

CAMILA PIRES

Apesar de não restarem dúvidas a respeito da experiência positiva que os intercambistas trazem de suas viagens ao exterior, a adaptação junto às famílias que os recebem nem sempre é fácil. Este é um dos motivos mais frequentes que levam os jovens a retornarem ao seu país antes mesmo do fim previsto para o intercâmbio.

Thaís Regina Ferreira, 21, sonhava, assim como muitos jovens, em estudar nos Estados Unidos e viver a experiência de dividir a casa com uma família que não fosse a sua. Em 2008, logo que chegou à cidadezinha de Brockport, próxima a Nova York, foi recebida por sua nova família. Se-

gundo ela, eram pessoas retraídas, que liam muito, eram extremamente metódicas e não tinham muito senso de humor.

“Fiz de tudo para me adaptar àquelas pessoas tão diferentes de mim. Eles eram sérios demais. Poucas vezes eu os via rindo ou falando algo engraçado. Era estranho morar com eles porque o clima na casa era sempre tenso demais”, recorda Thaís.

Depois de três meses, percebendo que a convivência não iria melhorar, Thaís entrou em contato com sua agência de intercâmbio no Brasil e com a agência local nos EUA, mas ambas afirmavam que tudo era uma questão de choque cultural.

Com o passar do tempo

a situação só piorou. “Eu comecei a praticar esportes e passar parte do meu dia fora de casa, passeando com as amigas que fiz na

“Tentei fugir do clima de tensão e foi aí que as coisas ficaram piores”, afirma Thaís Regina

faculdade. Eu tentei fugir daquele clima de tensão e foi aí que as coisas pioraram”. Ela afirma que o casal começou a impor regras, como horários de alimentação. Caso ela não estivesse em casa no prazo de tempo determinado, deveria arrumar outro lugar para passar a noite.

Preocupados com a difícil situação da filha em um país tão distante, Paulo e Márcia, pais da adolescente, resolveram enviar seu irmão mais velho para visitá-la. A agência de intercâmbio concordou com a ideia e garantiu que a família “adotiva” da jovem cuidaria também de seu irmão.

Mas essa novidade acabou por gerar outros problemas. “Alguns dias antes do meu irmão chegar, comecei a perceber que o casal ficou com raiva. Ouvi minha mãe americana reclamar que teriam que alimentar mais uma pessoa e que isso não estava nos planos”, lembra a estudante.

VOLTA ANTECIPADA

Após uma semana de mal estar e discussões,

Thaís resolveu que estava na hora de voltar para o Brasil. Decidida, ela diz que já não se importava com qualquer decisão da agência. “Cheguei ao Brasil em janeiro de 2009, cinco meses depois de ter partido. Voltei feliz pela experiência de conhecer pessoas novas, fazer novas amizades. Minha tristeza maior foi confiar nas pessoas erradas, interrompendo um sonho que levou anos para se realizar”.

Segundo Aline Cabral, coordenadora de uma das filiais da agência Central de Intercâmbio no Recife, é necessário escolher com cuidado os profissionais que cuidarão de sua viagem, para que o sonho não se transforme em pesadelo.

Universitários escolhem trabalhar fora

CARLOS ALBERTO PRADO

Um dos intercâmbios que mais se popularizou entre os jovens nos últimos anos foi o de trabalho. A cada ano, mais brasileiros cruzam as fronteiras para buscar um aperfeiçoamento na língua inglesa, combinado com uma experiência de trabalho internacional. Há 14 anos, surgiu o Work and Travel (Trabalhe e Estude), e em pouco mais de uma década, mais de 150 mil brasileiros já foram aos Estados Unidos participar desse programa.

No intercâmbio de trabalho, o participante sai do Brasil com emprego definido e, dependendo da opção do programa, pode ser indicado pela agência de intercâmbios ou buscado pelo próprio viajante.

Segundo Daniela Loureiro, gerente da IE Intercâmbios - Recife, agência pioneira nas viagens de trabalho, “esse

é o programa com maior custo benefício, já que, além da prática da língua, a pessoa volta ao país, com uma experiência enriquecedora no currículo”. O custo de uma temporada de quatro meses nos Estados Unidos sai em média por R\$ 5 mil, o que seria metade do valor de um intercâmbio apenas de estudos.

Essa é uma das razões porque atualmente esse é o programa mais vendido das agências brasileiras. Apenas na IE, a venda desses pacotes representam mais de 50% do faturamento da empresa. “Em 2010, enviamos ao todo quase oito mil participantes”, afirma Daniela.

Como as funções ocupadas pelos universitários geralmente são de atendimento, em hotéis, lojas ou parques turísticos, é necessário que o viajante tenha conhecimento, no mínimo, intermediário da língua. “A maioria dos nossos participantes já estudam

inglês no Brasil há anos. Eles buscam uma experiência diferenciada, um aperfeiçoamento”, lembra Daniela Loureiro.

Foi com essa intenção que o estudante pernambucano Otávio Lustosa, embarcou em 2010 para Jackson Hole, no estado do Wyoming, oeste dos Estados Unidos. Ele trabalhou em um restaurante, mas durante o programa, teve que mudar de cidade. “O lugar que trabalhava estava tendo problemas para pagar aos funcionários porque o movimento estava fraco. Mudei e arrumei outros empregos”, lembra Lustosa.

Apesar dos entraves, ele avalia sua experiência como muito positiva e alega que sempre sugere aos seus amigos o trabalho no exterior. “Mas também lembro que é preciso certificar se o seu destino oferece outras opções de emprego, para não ser surpreendido como eu fui”.

O estudante de adminis-



Foto: Carlos Alberto Prado

RECREIO Lustosa também aproveitou a temporada nos EUA para passear

tração Leandro Goyanna foi para mesma cidade que Lustosa, trabalhou como atendente numa loja e gostou a ponto de solicitar a troca no visto para ficar mais seis meses. “Deveria voltar ao Brasil em março de 2011. Consegui a mudança de visto, fiquei até

setembro e meu inglês melhorou muito”, conta Leandro.

Daniela Loureiro lembra que é preciso atenção porque, ao contrário de outros programas, nesse, os jovens vão trabalhar. “É bom saber que não vai ser apenas diversão”.

Trabalho voluntário cresce no exterior

RENATTA MACIEL

Em tempos em que ter uma experiência internacional de intercâmbio é algo considerado, proveitoso, divertido e bom para incrementar o currículo de qualquer jovem, está crescendo o número daqueles que querem também aproveitar a experiência para ajudar a quem precisa. São os adeptos do trabalho voluntário que, além de engrandecedor para o intercambista, é de grande utilidade para o país visitado.

O intercâmbio não tem de ser apenas uma oportunidade para se aprender melhor um idioma ou fazer amigos. Desde pelo menos os anos 40, após o fim da Segunda Guerra Mundial, existem entidades que promovem o intercâmbio entre jovens na Europa. Aos poucos a ideia foi se espalhando e, hoje, até agências privadas oferecem progra-

mas que incluem um período no exterior para fazer trabalho voluntário.

É o caso da empresa conhecida como Central de Intercâmbio (CI), que oferece este tipo de atividade desde 2007. Pela empresa, os países que podem ser visitados são a África do Sul, Índia, Namíbia, Nepal e Peru. O intercâmbio voluntário tem pouca duração, em média de 2 a 12 semanas e só podem ingressar nesse projeto pessoas que tiverem idade acima de 18 anos. Nos países, o intercambista irá ajudar na preservação ambiental, auxiliar e interagir com famílias carentes, que têm crianças deficientes, conhecer e cuidar de animais selvagens que estão doentes ou foram abandonados, além de aprender sobre o meio ambiente e as diferenças culturais.

A Central de Intercâm-

bio informa que a prática do trabalho voluntário já é algo muito procurado por empresas hoje em dia e que a experiência acrescenta muito ao currículo. Já houve imprevistos nas viagens, como casos em que intercambistas ficaram doentes enquanto estavam nos países, se acidentarem e, por consequência, chegaram a sofrer lesões corporais. Mas a CI oferece um pacote com plano de saúde para essas situações inesperadas, que dá direito à assistência imediata em hospitais públicos e privados.

Marcos Renan de Figueiredo, estudante de administração, participou desse projeto indo para a África do Sul. “Trabalhei por aproximadamente um mês e meio no projeto ‘Born to be Wild Lion’ e foi, com certeza, a melhor coisa que fiz até hoje. Ajudava a cuidar dos leões e tigres durante todo o dia,



Foto: Izabela Alves

AVENTURA África do Sul é um dos países que aceita voluntários

pela manhã preparava e distribuía comida para os animais. Eu levava os turistas para ver as jaulas dos leões. Eles me perguntavam sobre os animais, os lugares, tiravam fotos, mas só de estar ali já me fazia um bem sem igual”.

Marcos Renan conta ainda outra experiência cultural que teve: “Ficava alojado no próprio parque dos leões e dia sim, dia não saía de manhã para estudar inglês. Certo dia, num sábado de manhã, eu e ou-

tros intercambistas fomos levados para o Lesedi Cultural Village. Lá conhecemos quatro tipos de tribos diferentes. Ofereceram-nos um verdadeiro banquete com carne de crocodilo, de avestruz e uma espécie de lesma torrada”. Renan conta que não teve coragem de provar. “Mas brincamos com as crianças e participamos da dança típica”. Mas ele afirma que seu entrosamento principal foi mesmo com os leões e tigres selvagens da reserva.

Tecnologia facilita contato no exterior

JÉSSICA FERREIRA

Gabriel Figueiredo fez intercâmbio e ficou a mais de 10.000 km de distância da namorada, Lhayenny Lira. Ele na Alemanha e ela no Brasil, o casal contava com uma comunicação inexistente há uma década: transmissão audiovisual através de um programa de computador. Para os casais, pais e amigos que precisam lidar com a separação, ferramentas como o Skype viraram uma alternativa para matar um pouco da saudade. A transmissão exige basicamente internet e está disponível tanto em computadores como em celulares mais modernos. Assim, deixar o parceiro ou o filho fazer uma viagem a longa distância e por meses já não parece mais tão sofrível. Lhayenny Lira que o diga.

Utilitários como esses têm sido um mercado em expansão. Para celulares, há aplicativos como o What's App, que, embora não permita o contato audiovisual ao vivo, possibilita um dinâmico esquema de troca de mensagens e arquivos. Mas nem sempre foi simples assim. O dono de lavanderia Vicente Lagioia fez intercâmbio para os Estados Unidos em 1981, e só se comunicava com a família uma vez por semana. "Eu enviava cartas e cartões postais, mas era tudo muito



Foto: Jéssica Ferreira Xavier

NA ALEMANHA Gabriel Figueiredo não perdeu o contato com a namorada

demorado. Eles levavam cerca de oito dias para chegar ao Recife, onde minha família morava. Ligava apenas a cada quinze dias, mas era caro. Ainda assim, telefone fazia a gente se sentir mais próximo", relembra.

Embora agora haja uma facilidade muito maior, certas dificuldades ainda são encontradas pelos intercambistas. É o caso de quem viaja para um país com fuso horário muito diferente. Joana Medeiros, estudante de jornalismo da Unicap, passou pela experiência de morar na Nova Zelândia. Lá, percebeu que não

era tão fácil se comunicar com a mãe. Como o desencontro era grande, as duas tiveram que se adaptar, fixando um horário para conversarem pelo Skype, mesmo que fosse muito cedo para uma e muito tarde para outra.

Há quem consiga driblar essas dificuldades naturais. Lhayenny Lira, estudante de administração da UFPE, e Gabriel Figueiredo, estudante de engenharia civil da UFPE, namoravam há quatro anos quando ele viajou. Com a ajuda do Skype, conseguiram manter a proximidade. "Para mim, o

tempo passou até bem rápido, porque estávamos constantemente nos comunicando", conta Lhayenny Lira. Mesmo com o fuso horário da Alemanha, adiantado em cinco horas, o casal procurava sempre conversar, nem que, para isso, Figueiredo tivesse que madrugar. Chegaram até a ver filmes juntos: como ele não podia baixá-los, a namorada fazia o download e compartilhava pelo Dropbox (serviço online que permite troca de arquivos), para então verem juntos pelo Skype.

O intercâmbio não é mais sinônimo de distanciamento. "Está muito prático. Dá para falar a qualquer hora, e os jovens estão conectados 24 horas por dia", afirma Lagioia.

Mas deixar de aproveitar as oportunidades que o intercâmbio oferece para se comunicar constantemente com quem fica não parece ser uma decisão muito inteligente, para alguns. Por isso, algumas pessoas optam por manter um contato menos frequente com os amigos ou até mesmo com a família, a fim de explorar ao máximo a chance de conhecer gente e lugares novos. Joana Medeiros é uma das que pensam assim. "Eu sempre tive a mentalidade de que eu só tinha seis meses para aproveitar minha vida lá, enquanto tinha o resto da vida para ficar no Recife com o pessoal".

Volta para casa nem sempre separa casais

VICTOR FERREIRA

Quem se propõe fazer um intercâmbio tem que estar disposto a viver novas experiências, sejam elas boas ou ruins. Porém, na maioria das vezes, os estudantes costumam guardar boas recordações. Isso também acontece nos relacionamentos amorosos, com jovens que saem do país para praticar uma nova língua e acabam se apaixonando no decorrer do curso. Durante o período da viagem, tudo costuma ser muito bom. O problema está na hora de voltar para casa. Muitos acabam terminando o relacionamento por não ver condições de continuar juntos. Outros, porém, conseguem superar as dificuldades e encontram disponibilidade para se entregar a uma nova vida a dois.

Este é o caso da estudante Amanda Queiroga, de 19 anos. Ela foi estudar na Inglaterra por um período de seis meses e, já no segundo mês, apaixonou-se por Vitor de Almeida, de 27 anos, que mo-

rava na mesma casa, na cidade de Milton Keynes (a uma hora de Londres). Além da diferença de oito anos na idade dos dois, havia outro problema que poderia surgir futuramente: a distância que os separaria, já que Almeida é português. Entretanto, o casal aproveitou os quatro meses restantes do curso para viver intensamente aquele romance.

Ao final dos estudos, ela voltou para o Brasil, enquanto ele seguiu na Inglaterra para concluir a universidade. Mas o namoro continuou e, na chegada ao Recife, ela enfrentou uma dificuldade maior do que a distância: "o preconceito das pessoas diante da nossa história", conta a pernambucana. "Muitos me chamaram de louca. O meu pai também não gostou, mas acho que foi ciúme. Hoje em dia minha família se dá bem com Vitor", complementou.

Com as frequentes viagens a trabalho para o Brasil, Almeida está conseguindo administrar a distância. O maior tempo que o casal passou sem se ver foi de dois meses. "Nós chegamos até aqui sem fazer planos, só as nossas vontades. A gente se ama e eu não preciso muito mais do que isso. O futuro é consequência", diz ele.

Mas nem sempre é assim. Há quem não suporte conviver a distância com a pessoa amada. Foi o caso da estudante Brunna Freire, de 18 anos. No início de 2012 ela embarcou rumo aos Estados Unidos para fazer intercâmbio na cidade de Boca Raton, na Flórida. Só não esperava conquistar o coração de um garoto logo no início de sua estadia em solo americano. No primeiro mês de curso, ela conheceu e se apaixonou pelo também brasi-

leiro Guilherme Piah.

Curitiba de 18 anos, Piah estuda na Olympic Heights Community High School desde 2010 e, mesmo quando voltar para o Brasil, não pretende deixar sua cidade natal. A solução encontrada pelo casal foi acabar o relacionamento no aeroporto, quando a estudante se preparava para embarcar de volta para o Recife. "A distância foi crucial, porque a gente sabia que quando voltássemos para o Brasil, ia ser difícil de se encontrar. Mas foi muito bom enquanto durou", afirmou Brunna Freire, garantindo que a amizade permaneceu e os dois mantêm contato quase todos os dias.

De acordo com a psicóloga Tânia Soares, do Colégio Santa Maria, a distância na volta para casa é a maior barreira a ser enfrentada pelos casais intercambistas. "Com o fim do intercâmbio, o encanto da viagem vai embora e as obrigações retornam, por isso que é complicado manter a mesma relação", diz Tânia Soares.

Preconceito dos amigos foi uma das barreiras enfrentadas por casal de estudantes

Viajando para ajudar

JÉSSICA MACIEL

Disputando espaço com empresas renomadas, a Aiesec realiza um projeto de intercâmbio diferenciado e vem-se destacando no cenário mundial. A organização, que promove intercâmbios realizando trabalho voluntário, é formada por universitários e possui 111 filiais no mundo. Pela Aiesec é possível viajar para lugares pouco visitados já que a maioria dos destinos são considerados exóticos, como o interior da Rússia e da Indonésia.

Cerca de 90 brasileiros saem de Recife por ano e 60 chegam para realizar trabalho voluntário na capital pernambucana e os períodos de serviço variam de seis semanas a um ano. O futuro viajante passa por uma seleção e, ao ser aprovado, seu “perfil” entra no banco de dados para que todas as outras filiais tenham contato com ele. A partir daí, entrevistas via Skype ocorrem até que o intercambista se interesse por algum projeto fora do país e possa, enfim, viajar.

O colombiano Jonatan Ji-



Foto: Jéssica Maciel

VOLUNTÁRIO Victor Souza foi para Turquia ensinar inglês

menez, de 22 anos, trabalhava na Aiesec-Bogotá, quando surgiu o desejo de conhecer algo novo. Seguiu viagem para o Recife, onde ensinou espanhol para crianças com deficiência em uma escola pública. “O trabalho com essas crianças é muito gratificante, já que por qualquer ação elas são muito agradecidas”, disse. Jimenez passou três meses no Brasil e, além de Recife, conheceu o Rio de Janeiro.

Victor Coêlho de Souza, 20 anos, foi para Kocaeli, no interior da Turquia, e ensinou inglês para crianças e empresários turcos por três meses.

O estudante alegou ter sofrido brincadeiras após a escolha do país, mas admite que sua vontade era ter ido para um lugar ainda mais “exótico”. “Minha primeira opção era a Síria, mas pela minha segurança, desisti”, disse. Quando voltou, Souza se interessou em continuar trabalhando pela Aiesec e hoje colabora com a qualidade da experiência dos voluntários que chegam ao Recife.

O objetivo da empresa com as viagens é desenvolver o espírito de liderança nos jovens e, a cada ano, o número de intercambistas com desejo de ajudar o próximo duplica.

Programas especiais trazem angolanos para o Brasil

THIAGO PIMENTEL

O intercâmbio cultural entre as nações que formam Comunidade dos Países de Língua Portuguesa vem sendo intensificado. Políticas que visam a uma maior aproximação entre esses países têm sido implantadas nos últimos anos, incluindo o acordo ortográfico, por exemplo. Há uma sólida relação, em vários âmbitos, que tem sido explorada e debatida. É o caso da aproximação entre o Brasil e a Angola.

O idioma em comum, aliado ao investimento na comunicação, são fatores que facilitam a vinda de angolanos para estudar no Brasil. Programas especiais de intercâmbio, como o Programa de Estudantes Convênio de Gradua-

ção (PEC-G), têm facilitado essa experiência.

Natural de Lubango, a estudante de comunicação da UFPE (Universidade Federal de Pernambuco) Verônica Cambundo (24) está no Brasil por meio do PEC-G. Sobre o programa, ela diz: “Ele não envolve tanto o interesse do aluno, como o tradicional. É um intercâmbio de interesses governamentais”. No geral, ela acredita que a experiência tem sido gratificante.

Fazendo parte de programa similar – um convênio entre a Unicap (Universidade Católica de Pernambuco) e a construtora Queiroz Galvão –, o estudante de arquitetura Edgar Gago (26) revela aspectos positivos sobre a vida no Brasil, mas também conta proble-

mas. “Acredito que a recepção não foi tão boa e, por isso, acabamos em grupos com outros angolanos”, diz. Já Fernanda Malundo (28) – aluna de administração na Unicap –, aponta as diferenças do idioma: “A fala é muito diferente. Quando voltar, terei que me adaptar a outro contexto”.

A maioria deles deseja, após os estudos, voltar ao país africano. “Mesmo durante o conflito armado, meu povo não deixou de sorrir”, diz Fernanda Malundo.

Apesar dos problemas, o país consegue o que certas nações ainda não cativaram: o orgulho de seus representantes. “Quero voltar para o meu país para melhorá-lo. Ser grato ao que ele me fez”, afirma Edgar Gago.

Alunos vêm ao Recife estudar português

ALEXANDRE BORGES

Na contramão do intercâmbio mais comum, no qual o brasileiro emigra, estrangeiros têm vindo aprender a língua portuguesa no Brasil, que recebe nos próximos anos a Copa do Mundo de Futebol e as Olimpíadas. A cultura local e as oportunidades de trabalhos e estudos despertam o interesse das pessoas aprendem o português.

Somadas as populações dos oito países que têm a língua portuguesa como idioma nativo, no mundo há 240 milhões de falantes, segundo os últimos censos da Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe, Timor-Leste e a cidade de Macau, na China. No Brasil, o mais populoso

desses países, é crescente o número de turistas, e, consequentemente, o fluxo de intercambistas, que precisam de um visto temporário para estudar no país.

Apesar das principais es-

colas especializadas estarem localizadas em São Paulo, Rio de Janeiro e Salvador, o Recife oferece ao estudante internacional duas opções: o Centro Cultural Brasil Alemanha (CCBA) e a escola de línguas Britanic.

“Já recebemos venezuelanos da Pdvs para a refinaria de Suape, militares americanos, o cônsul do Japão, um embaixador da Líbia em visita ao Recife, húngaros, belgas, chineses, entre outros”, afirmou Viviane Remigio, diretora da unidade do Britanic em Setúbal, sobre os alunos que a instituição recebeu desde 2001 para o curso de português para estrangeiros.

“Essa é a terceira vez que venho ao Recife. Nas duas primeiras, um amigo tinha que traduzir tudo, desta vez eu decidi aprender a língua”, contou

Joel Suter. Natural de Berna, na Suíça, onde se fala alemão, o jovem de 25 anos veio ao Recife para conhecer o Nordeste e aproveitou para cursar três semanas de aulas de português no Britanic.

O intercâmbio universitário é o outro caminho que atrai os jovens à cidade. “Esse tipo se dá pelas instituições de ensino superior. A gente prepara os alunos quando chegam, com cursos que vão de três semanas a dois meses, depende da disponibilidade de cada um”, afirmou Edvani Lima, professora do CCBA. A educadora explicou que os intercâmbios estudantis acontecem entre as universidades alemãs de Bremen e Hamburgo com a Universidade de Pernambuco e a Universidade Federal de Pernambuco, prin-

cipalmente dos cursos de Ciências Sociais.

“Além da língua, também ensinamos as questões culturais do Brasil e do Nordeste”, conta Edvani Lima. Ela acrescenta que

o centro cultural também recebe empresários, voluntários em ONG e funcionários de multinacionais e de instituições religiosas.

Quanto à metodologia de ensino, apesar de um primeiro contato em outras línguas, tanto o CCBA como o Britanic utilizam o português como o centro das aulas, o que possibilita o aluno de qualquer parte do mundo aprender a língua. “Com o uso de gestos e imagens, a língua portuguesa é intensificada e se torna a única falada em aula”, afirmou Newton Andrade, professor do Britanic desde o ano 2000.

A escola de línguas Wizzard também conta com curso de português, mas apenas para alunos que falam inglês, já que tem como base esse idioma.

“Além da língua, também ensinamos questões culturais”, disse Edvani Melo, professora do CCBA